

Entrevista com Milton Hatoum

LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL
PUCRS



1 – Em que medida a Amazônia de hoje é diferente de quando você era menino?

Nas últimas quatro décadas, muita coisa mudou. No começo dos anos 60, Manaus e Belém eram cidades relativamente pequenas, sendo que Belém era maior, mais cosmopolita e menos isolada do centro-sul, pois já existia a rodovia Belém-Brasília. As outras capitais da Amazônia brasileira eram acanhadas e isoladas, não tinham universidades. Hoje, todas têm universidades públicas e particulares. Manaus, com quase dois milhões de habitantes, é um dos maiores centros de indústria eletroeletrônica da América Latina e ocupa o sétimo lugar entre as capitais mais ricas do Brasil. No entanto, a desigualdade social é aberrante. A cidade da minha infância não existe mais. Tentei explorar nos meus romances essa destruição abrupta e brutal da memória urbana. A partir da década de 70, em plena ditadura militar, a floresta amazônica começou a ser devastada por multinacionais que desmatavam para fazer pasto. As mineradoras e madeireiras também fizeram e ainda fazem estragos ambientais; nos últimos anos, o centro-norte de Mato Grosso foi desmatado para o plantio de soja. Se o ritmo de destruição da floresta não for interrompido, daqui a vinte anos só teremos alguns parques nacionais e zonas de preservação ambiental. Há um outro dado importante: 80% da população da Amazônia brasileira mora nas cidades. Manaus reflete a barbárie do capitalismo brasileiro, ou a barbárie do capitalismo “tout court”. A metade de sua população mora em favelas ou em habitações degradadas. Há mais de dez mil índios morando na periferia, totalmente marginalizados. E é uma das cidades mais violentas do país.

2 – Pensando em Umberto Eco, a ficção instaura sua própria verdade; o mundo da ficção é, até, mais verdadeiro que o mundo “real”. Contudo, percebem-se certas personagens familiares, em sua obra, que nos

levam a pensar que foram ou são “reais”. É assim mesmo ou estou enganado?

Alguns traços de certas personagens foram inspirados na minha família ou em pessoas que conheci, mas felizmente nenhum parente se reconheceu nos romances. Penso que a personagem mais próxima da minha vida é o Halim, do *Dois irmãos*. Pensei no meu pai quando esbocei essa personagem. Ou melhor, na memória que tinha do meu pai, que acabara de morrer quando comecei a escrever esse romance. De um modo geral, as personagens são ou deveriam ser bem mais complexas que as pessoas com as quais convivemos. Mas é quase certo que muitas personagens devem ter alguma coisa de mim.

3 – Como se deu a sua formação de escritor: leituras, escola, interlocução com outros escritores, intelectuais? E emendando: quando você se deu conta de que seria escritor?

Tive sorte de estudar em boas escolas públicas. Em Brasília, estudei no Centro Integrado de Ensino Médio, um colégio de aplicação cujo corpo docente era formado por professores da UnB. Em 1970 fui morar em São Paulo, onde ingressei na faculdade de arquitetura da USP. Mas como gostava de literatura, assistia aos cursos de Davi Arrigucci Jr., Leyla Perrone-Moisés, Irlemer Chiampi e do saudoso João Alexandre Barbosa. Com eles aprendi os fundamentos da teoria literária. Isso foi em 1977, 78. Dez anos depois, enviei o manuscrito do *Relato de um certo Oriente* para o João Alexandre, que me escreveu uma carta muito generosa, me estimulando a publicar o romance. Davi Arrigucci assinou o texto da orelha, o que deu muita força ao livro. Devo muito a esses professores, que são também grandes críticos literários. Há um momento em que o leitor perde a ingenuidade quando lê um romance ou uma ficção. A partir desse momento, se você tiver talento e vontade de escrever, pode tornar-se um ficcionista. Não se pode escrever sem saber ler. Lembro que o Davi nos deu uma lista dos great books e disse:

quem quiser escrever, deve ler esses livros. Li a maioria deles com muita atenção. Em 1980, quando já morava em Barcelona, comecei a escrever meu primeiro romance. Demorei uns seis anos para terminar o texto e esperei mais dois para publicá-lo. Na verdade eu só escrevo um romance quando a estrutura está mais ou menos armada na minha imaginação. Preciso “ver” a obra antes de escrevê-la, embora o livro que você está escrevendo só se revele no processo da escrita. Gostaria de escrever com mais rapidez, acho que todo escritor gostaria de ser Stendhal e escrever um grande romance em menos de dois meses.

4 – Como sou do Sul, é inevitável perguntar se algum escritor do Rio Grande do Sul chamou-lhe a atenção – estou a falar daqueles da “velha guarda”, da geração de Erico Verissimo.

Uma das leituras do curso de Davi Arrigucci foi *Os ratos*, de Dyonélio Machado, e alguns contos de João Simões Lopes Neto. Ambos são, a meu ver, escritores extraordinários. O primeiro situa-se na linha de frente do nosso Modernismo, e Lopes Neto foi uma das fontes literárias de Guimarães Rosa. Li *O Continente* na minha juventude em Manaus. Naquela época li também *Vidas Secas*, *Capitães da areia* e trechos d’*Os sertões*. Foram leituras curriculares no colégio Pedro II. Descobri um outro Brasil, regiões com uma geografia, uma história, um vocabulário e uma dicção diferentes da minha. Isso foi surpreendente, pois a literatura nos conduz a outros lugares e paisagens. Descobri um país complexo, não poucas vezes violento. Mas a “velha guarda” gaúcha marcou presença também através da Livraria Editora Globo (de Porto Alegre). Um dos meus tios comprava as boas traduções da Globo. Esses livros, que atravessavam o Brasil, me fascinavam. Há uma cena no *Cinzas do Norte* sobre essa travessia. Felizmente os mitos e os livros viajam.

5 – Há uma nítida preferência, em suas narrativas, pelo uso da primeira pessoa. Não se sente confortável com a terceira pessoa?

Três contos de *A cidade ilhada* são narrados em terceira pessoa. No caso dos romances, a primeira pessoa dá a voz para a terceira, ou para o discurso indireto livre. Em *Cinzas do Norte* há dois narradores que alternam com o narrador principal. Em alguns momentos, é “como se” houvesse um narrador em terceira pessoa. Mas penso que a primeira pessoa se ajusta mais à subjetividade do narrador, a seu ponto de vista interno. Como você sabe, a escolha da posição do narrador é decisiva.

6 – Ultimamente, e para nossa alegria, diminuiu de modo visível o tempo decorrido entre seus lançamentos. Para quem o conhece, sabe que esse fato coincidiu com o afastamento formal do trabalho acadêmico. Pode-se estabelecer alguma relação de causa e efeito?

De algum modo, sim. Morei alguns anos na Europa e em 1984, quando voltei a Manaus, ingressei na Universidade Federal do Amazonas, onde lecionei até 1998. Nesse período de quinze anos passei temporadas nos Estados Unidos, como professor ou escritor visitante em Berkeley, Yale e Stanford, e quando retomava a vida manauara me sentia muito isolado, com poucos interlocutores. Um escritor precisa de interlocutores. Mais do que isso, precisa de tempo para ler e escrever. E eu não tinha tempo, porque a burocracia do mundo acadêmico era um inferno. Então tomei uma decisão radical e abandonei tudo: a cidade, a universidade, a família. Em São Paulo me lancei de corpo e alma na escrita do *Dois irmãos*, apostei tudo neste romance, que, afinal, me ajudou a viver do que escrevo.

7 – Sua última publicação é um livro de contos. Dado que você notabilizou-se como romancista, podemos imaginar uma nova etapa em sua carreira?

Na verdade, meu primeiro romance – *Relato de um certo Oriente* – surgiu de um conto que não publiquei. Percebi que tinha assunto para escrever um texto mais longo, sem pensar na questão do gênero literário. Depois me animei com as narrativas mais longas, e em vinte anos escrevi quatro romances, sendo que um deles – *Órfãos do Eldorado* – tem a concisão e a tensão de uma novela. Na década de 90 escrevi e publiquei em revistas e jornais seis ou sete contos, e depois escrevi outros tantos. Os relatos reunidos em *A cidade ilhada* foram escritos nos últimos dezoito anos. Há dois meses escrevi um conto que será publicado em inglês num livro da Anistia Internacional. E agora escrevo outros textos, que não são exatamente contos, e sim relatos de viagem, memórias...

8 – Em sua obra, embora os homens sejam personagens relevantes, há um conjunto de mulheres – e eu destacaria Emilie – que ocupa lugar fundamental em seus livros. O que essas mulheres representam em seu universo ficcional?

Na minha vida as mulheres tem um papel central. Mãe, tias, avó, as amigas de minha mãe que frequentavam a casa da infância, todas exerciam um fascínio em mim. Sempre me interessei por personagens femininas, em muitos casos mais sutis que os masculinos. É o fascínio da incompreensão, da dificuldade de entender esse universo.

Sei mais ou menos o que espero de um personagem masculino, mas quando se trata de uma mulher, é quase sempre uma travessia de um abismo. Por isso me entreguei com ardor na construção dessas personagens, e até escrevi meu primeiro romance narrado por uma mulher. Um dos grandes narradores da história da literatura é uma mulher (Sherazade), que conta histórias para que possa sobreviver.

9 – Qual a contextualização cultural, afetiva, genealógica, de sua família?

Sei pouca coisa dos meus antepassados. Se eu fosse esnobe, diria: são fenícios. Mas prefiro dizer que são imigrantes árabes, cujos descendentes somam hoje mais de oito milhões de brasileiros. A família do meu pai é de um bairro ao sul de Beirute. Fadel Hatoum, meu avô paterno, migrou para Rio Branco (Acre) em 1904, permaneceu lá uns seis anos e regressou ao Líbano. Meu pai ouvia histórias da Amazônia contadas por meu avô. Por isso meu pai quis conhecer o Acre. Ele desembarcou em Manaus no começo da Segunda Guerra Mundial e morou uns anos em Rio Branco. Depois casou-se com minha mãe e passaram a vida toda em Manaus. Não sei muita coisa além disso. O resto, ou seja, quase tudo é assunto para ficção.

10 – Como resolver a questão: “para onde vou, Manaus me persegue”?

É uma aporia, uma questão sem resposta, como quase sempre acontece na literatura. Quando escrevo um romance ou um conto ambientado em Manaus, a cidade passa a ser imaginária e difusa, como são a nossa origem e infância. Talvez esse livro de contos aponte para outros cenários, pois há relatos ambientados na Europa e nos Estados Unidos. A verdade é que você pode escrever sobre qualquer lugar. A cidade pequena, a metrópole, o campo ou o país não garantem a qualidade de uma narrativa. O que interessa é o efeito da linguagem e a coerência interna do texto. Por isso não faz qualquer sentido falar de regionalismo, de literatura urbana, etc. São apenas classificações ou rótulos vazios.

11 – Uma pergunta bastante subjetiva, mas eu assumo que o seja: o que você sente, ao ver um livro seu traduzido para o árabe?

Fiquei emocionado e até escrevi um posfácio para a edição libanesa do *Dois irmãos*. Infelizmente meu pai não viveu para ver essa tradução. Ele, que era bilingue, gostaria de ter lido o romance em árabe, sua língua materna. Mas antes da tradução do *Dois irmãos*, ele leu alguns artigos no An-Nahar e em outros jornais libaneses sobre a tradução francesa do *Relato*. Ele reunia a família e traduzia esses artigos para o português. Certa vez ele disse, com emoção: “Nunca pensei que eu iria voltar ao Líbano nas páginas de um livro escrito pelo meu filho”. Entendi a frase como uma metáfora da imigração, da nostalgia do imigrante.

12 – Por fim: a revista *Navegações*, que ora o entrevista, circula no Brasil e Portugal; qual é sua relação com a Literatura Portuguesa?

A presença de portugueses na minha infância e juventude foi importante. Nossos grandes amigos e vizinhos eram imigrantes poveiros, de modo que Portugal fazia parte da nossa conversa. Lembro que ganhei desses vizinhos um livro de Miguel Torga, um poeta que celebra o trabalho de gente humilde do campo. Este foi o meu primeiro contato com a literatura portuguesa. Depois li outros autores. A literatura portuguesa é muito estudada nas nossas universidades. Os ensaios de Alcir Pécora sobre os *Sermões* são fundamentais para a compreensão de Vieira, um dos gênios verbais da língua portuguesa. No *Órfãos do Eldorado* paguei um tributo à poesia de Mario de Sá-Carneiro e à obra de Camões. Sá-Carneiro, mencionado no romance, é um dos autores preferidos do personagem Estiliano; e no fim do livro há uma referência à obra de Camões, um verso escondido na fala do narrador. Também acompanho a literatura dos jovens prosadores portugueses. Admiro muito a obra de José Luis Peixoto e Gonçalo Tavares, de quem me tornei amigo.

Recebido: 14 julho de 2009
Aprovado: 30 agosto de 2009